

BC PENSOU EM LIMITAR SAÍDA DE DÓLAR

Adriana Chiarini
Da equipe do **Correio**

O governo chegou a pensar em restringir a saída de capital do país. Ao liberar o mercado para deixar o preço do real baixar, a equipe econômica não estava segura do ponto em que a desvalorização poderia chegar. Por isso, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Francisco Lopes, decidiram na noite de quinta-feira anunciar na manhã de ontem que o BC não intervira no mercado por um dia. Era um tempo de teste para ver o que iria acontecer. Pela manhã, o Banco Central informou que um novo comunicado a respeito do regime cambial seria divulgado na segunda-feira. Se a queda do real fosse muito grande, as barreiras à saída de recursos para o exterior poderiam ser colocadas em vigor.

Chico Lopes chegou ao BC às 9h aparentando tranqüilidade. Mas no final da manhã, enquanto a cotação do real não parava de cair, chegando a R\$ 1,60, a restrição à saída de capital tinha suas chances. O ministro Malan e o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, foram ao BC reunir-se com Lopes e o diretor de Assuntos Internacionais do Ban-

co Central, Demosthenes Madureira do Pinho Neto. Também participou da reunião a chefe do Departamento de Operações das Reservas Internacionais (Depin), Maria do Socorro Carvalho.

Como decidiram não intervir no mercado ontem, o clima era totalmente diferente da crise de outubro de 1997, quando Gustavo Franco desceu pessoalmente ao 8º andar do Banco Central para, com Demosthenes e Maria do Socorro, comandar a mesa de câmbio. Mais tarde o movimento dos bancos se inverteu e começou a haver maior venda da moeda americana.

Foi nesta parte mais confortável do dia que Chico Lopes e Malan foram ao Palácio da Alvorada encontrar o presidente Fernando Henrique Cardoso. A cotação do dólar continuou caindo e quando chegou a R\$ 1,43, o correspondente a 18,29% de desvalorização sobre o fechamento na terça-feira, o sentimento foi de alívio. Estava aberto o caminho para deixar o câmbio livre.

RECUO

Mesmo assim, preocupação é o que não falta. O fato é que Pedro Malan e Francisco Lopes fizeram o que por muito tempo juraram não fazer: desvalorizar o real. Foram

Luiz Prado/SP



Vitrine da casa de câmbio Viaggio, no centro de São Paulo: populares param para checar a cotação do dólar

forçados a isso por pressões não só do mercado, mas também políticas. O presidente Fernando Henrique Cardoso determinou a desvalorização convencido de que este

era o único caminho para diminuir o custo social de manter o plano. Venceu a tese defendida pela ala desenvolvimentista do governo, capitaneada pelo ministro da Saú-

de, José Serra. Ficou claro o erro da política anterior e o fracasso da equipe econômica.

Mas Chico Lopes viajou ontem para Washington com o ministro

Malan, acreditando nos argumentos repetidos ao longo de anos para convencer os outros. Estes argumentos são basicamente quatro. O primeiro é que desde a crise do México em dezembro de 1994, vários países desvalorizaram suas moedas no meio da crise e todos eles tiveram recessão.

Também considera que o custo das importações aumenta com a desvalorização e não só os importados ficam mais caros, como os produtos nacionais que dependem de componentes estrangeiros também, o que causa um aumento de preços. O terceiro é que como os bancos e empresas foram estimulados a se endividar em dólar, alguns não vão aguentar e vão quebrar. Por fim, nos setores que dependem muito de importação e que estão endividados em dólar, o desemprego vai aumentar.

Agora, no entanto, vão repetir exaustivamente a argumentação da ala desenvolvimentista onde brilham os tucanos Serra e o ex-ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros. A desvalorização era uma correção necessária no câmbio — vai estimular as exportações e reduzir as importações. Vai beneficiar a produção nacional, permitir o crescimento e o emprego.